

3,50€

# Manual para Educadores de Infância

## Crianças expostas à violência doméstica

Conhecer e qualificar as respostas na comunidade



**Cascais**  
Câmara Municipal



Fórum Municipal de Cascais  
contra a Violência Doméstica

## Índice.

A importância do tema. _____	3
Definições. _____	4
O que é? _____	5
Roda do Poder e Controlo. _____	6
Dados disponíveis sobre Violência Doméstica. _____	7
Impacto nas crianças. _____	8
Potenciais impactos em diferentes idades. _____	9
Sinais de alerta nas crianças. _____	10
Formas de apoio. _____	11
Como agir em caso de perturbações de comportamento nas crianças. _____	12
Estratégias para lidar com comportamentos difíceis. _____	14
Programas eficazes. _____	16
Quando uma mãe é vítima de violência doméstica. _____	17
Formas de apoiar uma criança que revelou uma situação de violência. _____	18
Linhas de orientação para a tomada de decisões e para a intervenção. _____	20
Como apresentar queixa aos serviços de protecção a crianças. _____	22
Planeamento da segurança. _____	24
A história da Laura. _____	26
A história do Henrique. _____	27
Referências. _____	28
Brochura para os pais. _____	29
Onde procurar ajuda. _____	31

## Ficha Técnica.

Adaptado da publicação original:

### **Children Exposed to Domestic Violence**

Autores: Linda L. Baker, Peter G. Jaffe, Lynda Ashbourne, Janet Carter

Patrocinado por: The David and Lucile Packard Foundation (Canadá)

ISBN: 1-895953-13-8

Adaptação: Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica

Tradução: Associação de Beneficência Luso-Alemã (ABLA)

Design: [www.ideia-ilimitada.pt](http://www.ideia-ilimitada.pt)

ISBN: 978-972-637-168-7

Cascais, Março de 2007

## Pedidos.

Este Manual pode ser adquirido directamente

ou solicitado à Livraria Municipal de Cascais.

**Preço: 3,50€ (IVA incluído)**

Câmara Municipal de Cascais

Morada: Pç. 5 de Outubro, 2754-501 Cascais

Tel. 214825379

Fax. 214836970

# A importância do tema.

## As pessoas que ensinam e cuidam de crianças pequenas encontram-se numa posição ideal para as apoiar e ajudar.

### Porque motivo preciso de saber?

A necessidade que as crianças têm de viver num ambiente consistente e previsível é posta em acusa pela violência doméstica – comportamento abusivo de um parceiro sobre o outro com o objectivo de o controlar e dominar. As rotinas tendem a ser interrompidas, os sons e imagens podem ser perturbadores. As pessoas que ensinam e cuidam de crianças pequenas encontram-se numa posição ideal para as apoiar e ajudar.

- Crianças com idades inferiores a 5 anos têm maior probabilidade de viver num lar onde ocorre violência doméstica, do que crianças de qualquer outra faixa etária.<sup>1</sup>
- Crianças que convivem com a violência doméstica correm maior risco de vir a ter problemas emocionais e comportamentais acrescidos.<sup>2,3</sup>
- A identificação precoce de problemas pode possibilitar a intervenção e o apoio mais cedo e de forma mais eficaz às crianças e às suas famílias.<sup>4</sup>
- Os serviços de apoio à primeira infância podem constituir-se como locais de segurança e apoio para crianças mais vulneráveis. Os adultos que trabalham nestes programas podem contribuir para mudar a vida de uma criança afectada pela violência.

### Como poderá este manual ajudar-me?

Este manual contém informações que poderão ajudar-me a:

- **Compreender** melhor a violência doméstica e o impacto que esta tem em crianças pequenas;
- **Reconhecer** os sinais que as crianças poderão manifestar quando estão a passar por dificuldades. Estes sinais podem ocorrer por várias razões, entre as quais se inclui a violência doméstica;
- **Aprender** formas de apoiar as crianças e de lidar com comportamentos difíceis;
- **Oferecer** apoio e informações sobre recursos disponíveis a pais que sejam eventualmente vítimas de violência doméstica (ver brochura para os pais na página 29).



# Definições.

## Educador de infância

É um termo que se refere a profissionais que trabalham com crianças no sentido de estimular o desenvolvimento psicológico, cognitivo, físico e social de crianças que não atingiram a idade escolar, através da planificação e organização de actividades educacionais, a nível individual ou em grupo, contribuindo para o seu bem-estar e para o desenvolvimento da sua autonomia.

## Recursos e equipamentos para a infância

Dirigem-se a crianças que ainda não atingiram a idade escolar e amas, creches e jardins-de-infância.

## Violência doméstica

É um termo que traduz uma variedade de comportamentos utilizados por uma pessoa para controlar e dominar outra com quem tem, ou teve, uma relação íntima ou familiar. Significa o mesmo que **maus-tratos** e **violência familiar**.

## Agressor

Refere-se a pessoas violentas para com os seus companheiros. É utilizado com o mesmo significado que **ofensor, abusador e mal-tratante**.

## Vítima

Refere-se a pessoas abusadas pelos seus companheiros íntimos. É usado com o mesmo significado que **sobrevivente, maltratada, abusada**. Muitas pessoas que trabalham na área da violência doméstica preferem o termo 'sobrevivente', uma vez que este reflecte a realidade de muitas pessoas abusadas que lidam e enfrentam os abusos com a sua força e capacidades pessoais.

## Crianças expostas à violência doméstica

Refere-se a crianças que vêem, ouvem e têm consciência da violência praticada entre a figura paterna e materna. É usado com o mesmo significado que **crianças que convivem com a violência**.

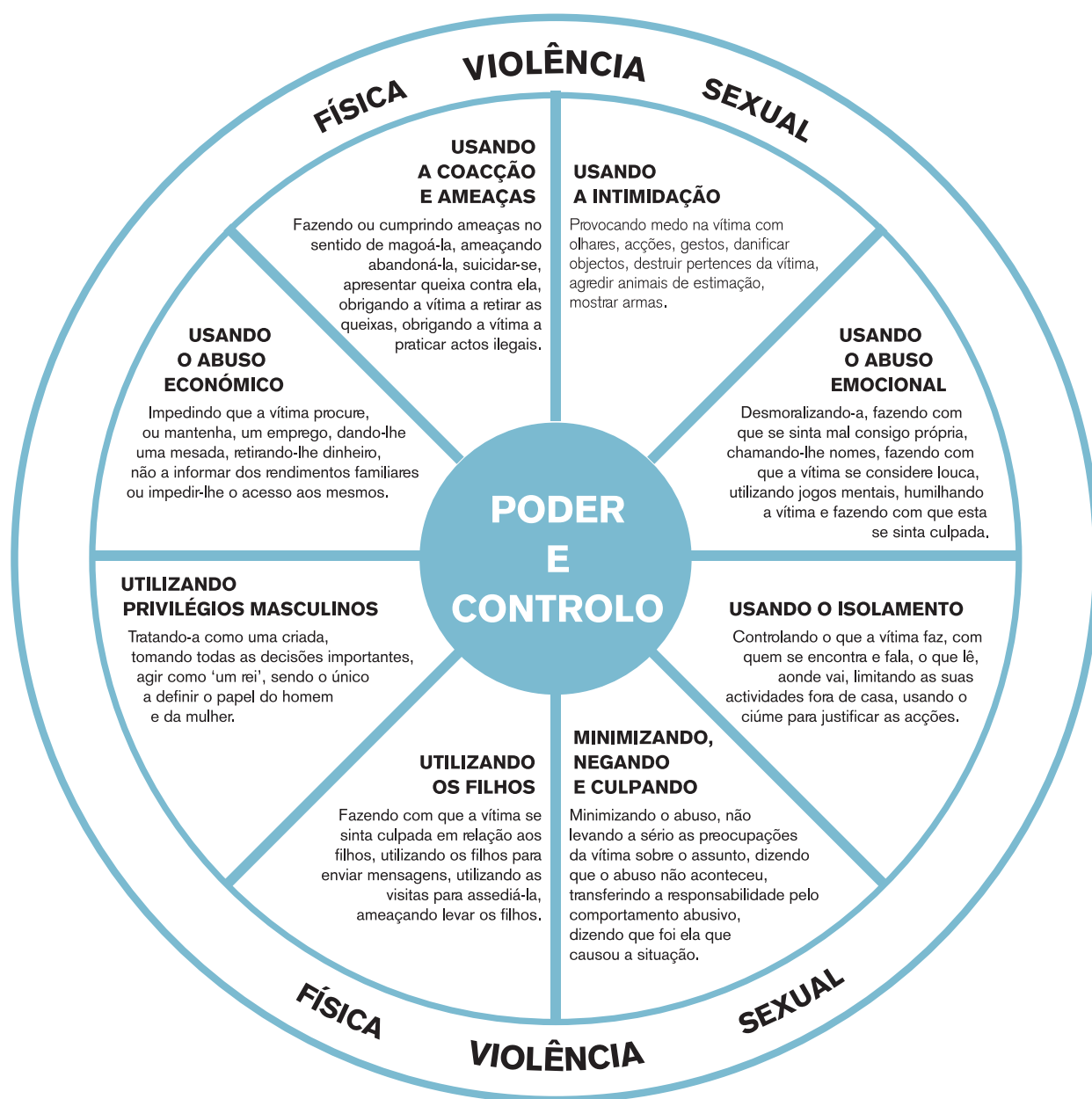
# O que é?

## Entender a violência doméstica ajuda-nos a apoiar as crianças afectadas.

### A Violência doméstica...

- Ocorre em todos os grupos etários, raciais, socioeconómicos, educacionais, profissionais e religiosos;
- Ocorre em situações de relacionamento íntimo;
- Costuma envolver um comportamento continuado que inclui diferentes tipos de abusos – agressão física, abuso psicológico, emocional e económico, e o uso de crianças (ver Roda do Poder e Controlo, página 6);
- É usada para intimidar, humilhar ou amedrontar as vítimas como uma forma sistemática de manutenção de poder e controlo sobre as mesmas;
- É um comportamento abusivo que, na maioria dos casos, foi aprendido pelo agressor (comportamento abusivo moldado na família de origem; comportamento abusivo recompensado – obtém resultados desejados para o agressor);
- **É causado pelo agressor** e não pela vítima ou pelo relacionamento;
- É uma ofensa criminal, na qual é utilizada força ou ameaça de força física ou sexual;
- Afecta, de formas diferentes, homens e mulheres: as mulheres são vítimas de mais violência, de formas mais graves de violência e sofrem danos mais graves, durante toda a vida, do que a que sofrem os homens;<sup>5</sup>
- Poderá representar um maior risco para a vítima e seus filhos no momento da separação do agressor;<sup>6</sup>
- Resulta num comportamento da vítima centrado em garantir a sua sobrevivência (minimizar ou negar a violência, assumir a responsabilidade pela violência, proteger o agressor, utilizar álcool ou drogas, autodefesa, procurar ajuda, permanecer numa relação abusiva).

# Roda do Poder e Controlo.





# Dados disponíveis sobre Violência Doméstica.

A violência contra as mulheres acontece, principalmente, em relacionamentos íntimos. Segundo dados da União Europeia, **uma em cada cinco mulheres sofreu maus-tratos** por parte do seu marido ou companheiro, pelo menos uma vez na vida.

Em Portugal, de acordo com dados do Ministério da Administração Interna, de 2000 a 2005, foram contabilizadas 89213 vítimas de violência doméstica, o que significa uma média de 40 vítimas por dia. Existem vítimas de todas as categorias de género e classes etárias. No entanto, na sua grande maioria, **elas são mulheres adultas com 25 ou mais anos de idade.**

A violência doméstica assume muitas vezes contornos de **extrema gravidade, podendo inclusivamente levar à morte.** De acordo com o Observatório das Mulheres Assassinadas, em Portugal, no ano de 2005, 33 mulheres foram mortas no seio familiar, 29 pelo companheiro, ex-namorado ou parceiro, e quatro por outros familiares.

De acordo com os dados das forças de segurança de Cascais, a PSP e a GNR registaram, em 2005, 342 situações de maus-tratos ocorridos no Concelho de Cascais o que em termos médios, corresponde a **7 crimes de maus tratos por semana.**

# Impacto nas crianças.

## **Assistir, ouvir ou ter conhecimento de actos de violência praticados contra o pai ou a mãe constitui uma ameaça ao sentimento de estabilidade e segurança da criança que deve ser proporcionado pela família.**

As crianças nestas circunstâncias poderão sofrer de maiores problemas emocionais e comportamentais.<sup>2, 4, 7, 8</sup>

Algumas crianças que sofrem destes problemas manifestam reacções traumáticas de stress (perturbações do sono, reacções intensificadas de pânico, preocupação constante sobre um possível perigo).<sup>9</sup>

As crianças que convivem com a violência doméstica estão expostas a um maior risco de sofrer danos físicos ou abusos na infância (físicos, emocionais).<sup>10, 11</sup>

As crianças poderão manifestar uma forte ambivalência para com o progenitor violento: o afecto coexiste com o ressentimento e o desapontamento.<sup>4</sup>

As crianças poderão imitar e aprender as atitudes e os comportamentos moldados quando ocorrem maus-tratos por parte de um progenitor.<sup>4</sup>

A exposição à violência poderá dessensibilizar as crianças para o comportamento agressivo. Quando tal acontece, a agressão torna-se “normal” e tem menos probabilidade de causar preocupação nas crianças.

O agressor poderá usar os filhos como uma tática de controlo das vítimas.<sup>12</sup>

Seguem-se alguns exemplos:

- Afirmar que o mau comportamento dos filhos é a razão das agressões contra o progenitor não ofensor;
- Fazer ameaças de violência contra os filhos e os seus animais de estimação diante do progenitor não ofensor;
- Manter os filhos como reféns ou raptá-los como uma forma de castigar a vítima adulta ou obter condescendência;
- Contar aos filhos coisas negativas sobre o comportamento do progenitor abusado.



# Potenciais impactos em diferentes idades.

	ASPECTOS ESSENCIAIS DO DESENVOLVIMENTO	POTENCIAL IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA
<b>Crianças de colo e bebés que começam a gatinhar</b>	<p>Absorvem informações do meio que as rodeia, através dos sentidos.</p> <p>Estabelecem ligações seguras.</p> <p>Tornam-se exploradores mais activos do seu mundo e aprendem através das brincadeiras.</p> <p>Aprendem sobre interacção e relacionamentos sociais através do que ouvem e observam na família.</p>	<p>Barulhos e imagens visuais fortes associadas à violência podem ser perturbadoras.</p> <p>Os progenitores poderão não ser capazes de responder consistentemente às necessidades dos filhos, o que poderá afectar negativamente a ligação progenitor/filho.</p> <p>O medo e a instabilidade poderão inibir a exploração e as brincadeiras; a imitação nas brincadeiras poderá estar relacionada com um testemunho de agressão.</p> <p>Aprendem sobre agressão em interacções observadas.</p>
<b>Crianças em idade pré-escolar</b>	<p>Aprendem a expressar, de formas apropriadas, a agressão e a raiva, assim como outras emoções.</p> <p>Pensam de formas egocêntricas.</p> <p>Formam ideias sobre o papel dos diferentes sexos com base em mensagens sociais.</p> <p>Aumento da independência física (vestir-se, etc.).</p>	<p>Aprendem formas pouco saudáveis de exprimir a raiva e a agressão, possivelmente confundidas por mensagens dissonantes (o que vejo <i>versus</i> o que me dizem).</p> <p>Poderão atribuir a violência a algo que tenham feito.</p> <p>Aprendem os papéis de género associados à violência e à vitimação.</p> <p>A instabilidade poderá inibir a independência; poderão ter comportamentos regressivos.</p>
<b>Crianças em idade escolar (6-11 anos)</b>	<p>Aumento da consciência emocional de si próprias e dos demais.</p> <p>Maior complexidade de julgamento do bem e do mal: ênfase na justiça e na intenção.</p> <p>O sucesso escolar e social cria um impacto essencial no auto-conceito.</p> <p>Maior identificação com pares do mesmo sexo.</p>	<p>Maior consciência das próprias reacções à violência no lar e do seu impacto nos demais (preocupações relativas à segurança da mãe, queixa contra o pai).</p> <p>Possivelmente mais susceptíveis de adoptar racionalizações ouvidas como forma de justificar a violência (o álcool provoca a violência; a vítima mereceu a agressão).</p> <p>A capacidade para aprender poderá diminuir devido ao impacto da violência (distracção); poderão ignorar os conceitos positivos, seleccionando ou fixando apenas os conceitos negativos.</p> <p>Poderão aprender sobre os papéis de género associados à violência conjugal (homens = agressores / mulheres = vítimas).</p>

# Sinais de alerta nas crianças.

Crianças pequenas poderão manifestar algumas das seguintes dificuldades quando convivem com a violência doméstica.<sup>4, 13, 14</sup> No entanto, crianças pequenas poderão manifestar estes problemas por muitas outras razões, o que não significa necessariamente que tenham sido expostas à violência doméstica.

- **Mal-estar físico** (dor de cabeça, dor de barriga)
- **Ansiedade com a separação** (além do que seria normal para a idade da criança)
- **Dificuldade em dormir** (medo de adormecer)
- **Comportamento agressivo crescente e sentimentos de raiva** (infligir maus tratos físicos a si própria ou aos outros)
- **Preocupação constante sobre um possível perigo**
- **Aparente perda de aptidões anteriormente adquiridas** (uso da casa de banho, nomes das cores)
- **Afastamento dos outros e das actividades**
- **Falta de interesse ou incapacidade de exprimir sentimentos sobre qualquer coisa**
- **Preocupação excessiva sobre a segurança dos entes queridos** (necessidade de ver os irmãos durante o dia, perguntar constantemente pela mãe)
- **Dificuldade em escolher ou concluir uma actividade ou tarefa**
- **Alto nível de actividade, agitação física constante e/ou dificuldade em concentrar-se a níveis atípicos para a idade ou fase de desenvolvimento da criança**

**Sugerimos que os pais procurem ajuda para os filhos junto de um médico ou uma instituição de apoio à família quando o comportamento da criança:**

- **for fisicamente prejudicial a ela própria ou aos demais (cortar a roupa com uma tesoura, deitar-se na rua, etc.);**
- **for tão intenso que interfira com a adaptação quotidiana da criança nas actividades;**
- **não responder às estratégias básicas de orientação infantil;**
- **persistir com o tempo (3 a 6 semanas).**

# Formas de apoio.

## O que podem fazer os técnicos de educação infantil?

As crianças pequenas beneficiam da ajuda de profissionais de apoio e de locais seguros,<sup>4</sup> tais como infantários e escolas. Os técnicos de apoio à primeira infância poderão ajudar crianças pequenas afectadas pela violência doméstica:

- providenciando um meio acolhedor;
- criando um ambiente de previsibilidade através de rotinas de apoio às crianças;
- desenvolvendo estratégias para facilitar a adaptação das crianças às actividades (ver páginas 14 e 15);
- Prestando apoio aos pais (estratégias de cuidados infantis) e informações sobre recursos comunitários (ver páginas 29 a 31).

## O que pode fazer a Comunidade?

As respostas a nível da comunidade às situações de violência doméstica deverão assegurar serviços continuados acessíveis e coordenados que:

- forneçam segurança;
- promovam o bem-estar emocional de todas as vítimas;
- obriguem os agressores a prestar contas através de sanções legais e programas de reeducação.

Algumas crianças afectadas pela violência poderão beneficiar do apoio de especialistas em aconselhamento familiar ou de programas para o tratamento de traumas infantis. Os especialistas fornecem aos prestadores de cuidados as abordagens para apoiar as necessidades das crianças (monitorizar o que estas vêem e ouvem na televisão, uma vez que podem ser mais vulneráveis ao impacto prejudicial da violência dos *media*). Os especialistas podem também ajudar directamente as crianças a lidar com o stress traumático e a expressar as suas emoções.

As crianças poderão beneficiar também de apoios informais na comunidade. As intervenções deverão servir para preservar contactos positivos das crianças com pessoas que lhes são importantes (os avós), bem como uma participação continuada das crianças em actividades fora de casa (serviços de apoio à infância, actividades de natureza religiosa).



# Como agir em caso de perturbações de comportamento nas crianças.

**Lembre-se de que tais comportamentos podem ser manifestados pelas crianças por várias razões.**

Apesar de preocupante, a existência de comportamentos problemáticos poderá ser explicada por diversos factores na vida da criança. A exposição à violência doméstica é apenas uma das possibilidades.

**Acalmar as crianças e aumentar o seu sentimento de segurança através de:**

- ▮ criação de regras e rotinas simples que permitam às crianças saber o que esperar;
- ▮ explicações simples sobre coisas que as preocupam (barulhos);
- ▮ deixar que as crianças se expressem naturalmente através da linguagem e das brincadeiras.

**Deixe claro na sua mente quais as preocupações relativas ao comportamento da criança, antes de falar com o pai ou a mãe. Pense sobre como expressar verbalmente a sua preocupação. Descreva o comportamento sem o interpretar. Poderá ser-lhe útil considerar as seguintes perguntas:**

- ▮ Quais os comportamentos que são preocupantes?
- ▮ Quando começaram a verificar-se?
- ▮ Com que regularidade ocorrem?
- ▮ De que forma afectam a criança, outras crianças, a equipa, as actividades?
- ▮ Como reage a criança à resposta da equipa?

**Peça opiniões, sempre que possível.**

Peça a opinião de um colega ou supervisor acerca das suas preocupações e possíveis formas de resposta.



## **As seguintes directrizes são úteis para lidar com perturbações de comportamento, independentemente do factor violência doméstica.**

### **Convide o pai ou a mãe para falar consigo sobre o comportamento do filho.**

Tente ter esta conversa num local seguro (no seu gabinete, numa sala longe da presença das crianças e de outros pais). Não deixe mensagem de voz no telefone de casa sobre potenciais problemas, uma vez que isto poderia prejudicar a vítima adulta e/ou a criança. Caso uma mensagem de voz seja a única maneira de contactar o pai ou a mãe, poderá optar por uma mensagem que contenha:

- ↳ o seu nome e a sua função na instituição;
- ↳ a indicação de que gostaria de falar sobre os progressos do filho;
- ↳ um número de telefone para que possa entrar em contacto consigo.

Lembre-se de que poderá ser difícil para o progenitor falar ao telefone, caso se encontre num relacionamento abusivo e o abusador esteja presente.

### **Faça saber que você está preocupado com a criança.**

Descreva o que está a observar na escola/creche. Pergunte-lhe como tem sido o comportamento da criança em casa e se tem alguma ideia sobre o que poderá estar a incomodar o seu filho. É importante que transmita as suas perguntas demonstrando apoio, sem qualquer tom de ameaça ou intimidação.

Seguem-se algumas sugestões sobre como poderá fazer as perguntas:

- ↳ “Estou preocupado com este comportamento..., e gostaria de ajudar o seu filho. Tem alguma ideia por que o João está a agir desta forma?”
- ↳ “Passa-se alguma coisa em casa que possa estar a perturbá-lo?”

### **Lembre-se que nem sempre é fácil falar sobre problemas familiares.**

A violência doméstica e outros problemas familiares são frequentemente tratados com grande ocultação. Por vezes, a ocultação é uma maneira de garantir a segurança. Ao perguntar, você fará com que a família saiba que está preocupado e que deseja ajudá-los. Eles poderão optar por falar consigo futuramente, caso estejam a ter problemas de violência ou outros, os quais possam estar a afectar a criança.

### **Forneça informações sobre recursos disponíveis.**

Ofereça informações sobre recursos existentes na comunidade que possam ajudar a criança e a família (casas-abrigo para mulheres, instituições de apoio à vítima ou na área da violência doméstica, programas de tratamento de traumas infantis, serviços de interpretação linguístico-culturais) (ver páginas 29 a 31).

# Estratégias para lidar com comportamentos

TEMPO/ROTINA	COMPORTAMENTO	O QUE PODERÁ AJUDAR
Ao receber a criança	Ansiedade grave de separação.	<p>Aproxime-se do pai/da mãe para oferecer ajuda.</p> <p>Planeie separações futuras através de um esquema com imagens em que defina com as crianças as diferentes fases da rotina diária (chegada ao centro, pendurar o casaco, ir para a sala, procurar o professor, dar 2 abraços e 2 beijos à mãe, dizer adeus, dizer que a mãe a virá buscar depois do recreio/à saída/depois do almoço).</p> <p>Mantenha a criança junto de si. Não force a criança a procurar uma actividade. A criança necessita de se sentir segura e estabelecer relação com um agente educativo de cada vez. Com o tempo, a criança criará relacionamentos com outros técnicos.</p>
Recreio	<p>Comportamento deambulante/sem objectivo.</p> <p>Necessidade de ver os irmãos.</p> <p>Temas de violência recorrentes nas brincadeiras.</p> <p>Brincadeiras manipuladoras/agressivas.</p>	<p>Ajude a criança a procurar uma actividade e dirija-a (empilhar e derrubar blocos). Isto ajudará a criança a ter um sentido de controlo sobre o meio.</p> <p>Estabeleça horas para que os irmãos estejam juntos. Forneça um ponto de referência concreto para a criança (após a sesta). Procure ser constante, pois isto ajuda a criar confiança. Estabeleça limites de horas das visitas (até à hora do lanche).</p> <p>Não julgue nem tente calar a criança. Ouça, observe e comente sobre como a criança poderá sentir-se. Intervenha quando for solicitado de modo a garantir a segurança da criança e dos demais.</p> <p>Corrobore sentimentos e estabeleça limites claros sobre quais os comportamentos que “são bons” e os que “não são bons” (“Sei que estás zangado/a, mas não é bom bater; Vamos...”).</p> <p>Crie e ensine formas de resolver problemas e conflitos (ao nível da criança).</p>
Tempo de grupo	Desatenção.	<p>Ajude a criança a ter uma experiência de grupo positiva através de actividades curtas, sentando a criança junto de um adulto, elogiando todas as tentativas de manter-se atenta, acompanhando o ritmo da criança e discutindo questões que interessam à criança.</p> <p>Inclua no programa actividades de prevenção da violência adequadas à idade da criança.</p>



# difíceis.\*

TEMPO/ROTINA	COMPORTAMENTO	O QUE PODERÁ AJUDAR
Mudança de actividades	Comportamento des-concentrado/recusas (recusa-se a arrumar as coisas, corre de um lado para outro), empurra os outros, cada vez mais agitada fisicamente.	Dê indicações à criança sobre as próximas actividades, tanto individualmente como em grupo.  Utilize quadros com imagens definindo o programa diário, referindo-se frequentemente aos mesmos.  Numa folha de papel, desenhe um relógio mostrando a hora da próxima actividade e peça à criança que seja ela a dizer quando chegar a hora de juntar o grupo para mudar de actividade.
Sesta	Comportamento ansioso (movimentos irrequietos, excessivos, comportamento hostil na hora de fazer a sesta).	Se possível, não obrigue a criança a dormir. Providencie uma “sala para os acordados”, onde ficarão as crianças que não queiram dormir.  Transforme a hora da sesta num momento positivo e acolhedor, deixando que a criança fique no seu colo.  Leve a criança a fazer a sesta mesmo depois de todas as outras já estarem a dormir. Assim, você terá tempo para apoiar esta criança.  Não exija que a criança durma. Utilize este tempo para dar carinho à criança, para que ela tenha a certeza de que é amada, apreciada e que está segura.  Faça com que a sesta seja uma hora positiva. Não use ameaças (“Se não ficares quieto, tiro-te o boneco de peluche até depois da sesta.”).  Estimule o uso de objectos transaccionais que facilitem a brincadeira com outros (bonecos de peluche, cobertores, garrafas, canecas), mesmo com crianças mais crescidas.
Ida para casa	Recusa-se a ir para casa quando chega o pai ou a mãe; demonstra raiva contra o pai/a mãe; chora (mesmo que se tenha portado bem durante todo o dia).	Isto poderá não ter que ver com o “lar”. Poderá estar mais relacionado com a dificuldade que a criança está a sentir com a perda de controlo ou mudança de actividades (a criança pode não ter acabado de brincar ou poderá precisar de algum tempo para partilhar com o pai ou a mãe tudo o que fez durante o dia).  Poderá indicar um laço íntimo com o pai/a mãe e não um problema. Frequentemente, deixamos que as pessoas que amamos vejam o nosso pior lado.

\* Desenvolvido em colaboração com Kathy Moore, *Early Childhood Education Resource Teacher & Instructor*.

# Programas eficazes.

## **As crianças pequenas são apoiadas quando os programas:**

- ↳ respondem às necessidades individuais das crianças (algumas crianças poderão precisar de mais aconchego físico e apoio emocional);
- ↳ fornecem oportunidades de diversão e experiências positivas;
- ↳ informam as crianças sobre o que deverão esperar, criando rotinas e preparando-as para futuros eventos;
- ↳ promovem relacionamentos saudáveis e seguros;
- ↳ apoiam as crianças que vivem situações de mudança (ao mudar-se para um abrigo de mulheres, em situações de separação/divórcio, separação de animais de estimação).

## **Os educadores de infância são apoiados quando os programas:**

- ↳ reconhecem que ouvir acerca dos abusos que os progenitores e as crianças sofreram poderá ser perturbador, podendo evocar ou intensificar recordações difíceis para alguns educadores;
- ↳ dão aos professores oportunidades para questionarem de forma profissional e confidencial;
- ↳ apoiam práticas saudáveis para lidar com o stress (exercícios, ambiente de trabalho favorável, equilíbrio entre trabalho e vida doméstica).

## **Articulação entre programas de apoio à primeira infância e outras instituições que ajudam famílias vítimas de violência doméstica**

Será benéfica a criação de relacionamentos com casas-abrigo, programas de apoio jurídico e serviços de aconselhamento.

Estes elos ajudam a lidar com as lacunas do sistema, permitindo-lhe fornecer aos progenitores informações de referência sobre os recursos existentes.

Promover relações de trabalho e protocolos entre programas de apoio às crianças e casas-abrigo facilitarão as trocas de opiniões sobre as necessidades das crianças. Os profissionais que trabalham em casas-abrigo poderão ser uma excelente fonte de apoio, informação e aconselhamento.

Em muitas comunidades, existem fóruns ou redes centrados na temática da violência contra a mulher. Estas estruturas poderão oferecer oportunidades de trabalho em rede, podendo ter subgrupos focados nas necessidades das crianças.

# Quando um dos progenitores é vítima de violência

## **Procure uma hora e um local seguros para falar com o progenitor.**

Tente telefonar numa hora em que seja provável que o companheiro não esteja em casa. Quando ele atender o telefone, pergunte-lhe se é uma altura conveniente para falar sobre algumas preocupações suas sobre o seu filho. Poderá pedir-lhe que venha à creche/escola para falar consigo.

## **Partilhe as suas preocupações sobre o comportamento da criança.**

Fale com ele acerca das suas preocupações do prima da adaptação da criança e do bem-estar da mesma no programa.

## **Demonstre apoio e forneça informações sobre recursos comunitários.**

Poderá ser muito difícil para um pai ou uma mãe ouvir que o seu filho contou a um não-familiar sobre os abusos sofridos. O progenitor poderá ficar preocupado com situações difíceis que possam resultar desta revelação, incluindo preocupações com uma maior segurança. A vítima poderá reagir com raiva ou negação. É importante manter uma atitude de apoio. Você poderá optar por enfatizar que a criança não estava a tentar ser desleal ou causar problemas. A maioria das vítimas adultas querem e tentam proteger os seus filhos.

## **Encoraje a vítima a contactar organizações no âmbito da violência doméstica para pedir apoio e ajuda relativamente a como planear a sua segurança.**

Forneça contactos telefónicos ou informações sobre medidas adicionais de segurança. Ofereça a oportunidade de telefonar e providencie um telefone e privacidade. Se possível, certifique-se de que a ligação foi realizada.

## **Garanta à vítima que não irá falar com o alegado agressor sobre o problema.**

Falar com o alegado agressor sobre as suas preocupações poderá pôr em perigo a criança ou o progenitor vitimado. Ao garantir-lhe que não falará com o companheiro agressor sobre assuntos relacionados com a violência poderá aliviar alguma preocupação que a mãe possa estar a sentir como consequência desta revelação.

## **Verifique se será obrigado a apresentar queixa aos respectivos serviços de protecção às crianças (ver páginas 22 a 24).**

Se houver suspeitas de que a vítima adulta maltrata a criança (através de agressões físicas), contacte os respectivos serviços de protecção às crianças sem falar com a vítima sobre as suas preocupações. Poderá, também, partilhar com ela as suas preocupações e, quando necessário, informar da obrigatoriedade de apresentar queixa.



# Formas de apoiar uma criança que revelou uma situação de violência.

## Deixe que a criança conte a sua história.

Falar com um adulto em quem confiam, normalmente ajuda as crianças a falarem sobre acontecimentos perturbadores e violentos que ocorram nas suas vidas.

## Tranquilize a criança.

Se uma criança lhe confiar uma revelação sobre um incidente perturbador, tranquilize-a corroborando os seus sentimentos ("Parece-me que isto foi muito difícil para ti. E agora, como te sentes"). Consoante a situação, poderá também ser útil deixar transparecer à criança que você gostou de que ela lhe tivesse contado, assegurando-lhe que a violência não é culpa dela e que ninguém deveria ser magoado.

Uma criança mais velha poderá pedir-lhe que não conte nada a ninguém. Será importante que você a informe de que precisará de contar a algumas pessoas para garantir a segurança da criança.

## Não pressione a criança a falar.

É importante ter em mente que o seu papel não é o de juntar provas ou investigar a situação, mas sim ouvir e entender os sentimentos que a criança está a partilhar consigo.

## Não critique ou fale negativamente sobre o agressor.

As crianças têm, frequentemente, sentimentos confusos ou contraditórios para com o agressor. Poderão odiar os abusos mas gostar das histórias ou dos jogos que o progenitor abusivo às vezes lê ou joga com elas. As crianças podem sentir-se, simultaneamente, muito zangadas e leais para com o progenitor abusivo. Se você criticar o progenitor ofensivo, os sentimentos de lealdade e protecção que a criança nutre por aquele poderão levá-la a sentir que não pode falar acerca do abuso.

## **Os técnicos de educação infantil poderão ser confrontados com revelações por parte de crianças sobre situações de violência, mas poderão dispor de informações limitadas sobre como as apoiar. As directrizes que se seguem pretendem ajudá-lo a reagir eficazmente a uma revelação feita por uma criança.**

### **Não faça promessas à criança que não possa cumprir.**

Por vezes os técnicos ficam tão comovidos com a situação de uma criança, e desejam de tal forma protegê-la e confortá-la, que fazem afirmações que não podem cumprir. Vejamos alguns exemplos: “Manter-te-ei em segurança”; “Não deixarei que ele volte a magoar a tua mãe”; “Não contarei a ninguém o que tu me contaste”. Ainda que seja com boas intenções, tais promessas podem diminuir a confiança da criança nos outros, quando descobrem que estas afirmações não eram verdadeiras. Isto poderá fazer com que a criança acredite que ninguém é capaz de ajudá-la e que não vale a pena contar a mais ninguém as coisas desagradáveis que se passam lá em casa.

### **Acompanhe o ritmo da criança.**

As crianças pequenas têm períodos de atenção curtos e tipicamente não se concentram muito tempo num determinado assunto, ainda que se trate de um acontecimento perturbador. É mais provável falarem um pouco, mudarem de assunto ou passarem para outra actividade e, eventualmente, voltarem a referir-se àquele acontecimento perturbador. É importante acompanhar o ritmo da criança e apoiá-la a prosseguir as actividades, quando ela se sentir preparada para o fazer (isto poderá ser difícil quando, ao ser confrontado com uma revelação, você não estiver preparado para dar continuidade às actividades).

## **A criança poderá escolher um determinado momento para revelar a sua história porque alguma mudança de circunstâncias veio provocar um desequilíbrio e as abordagens de que a criança dispõe para lidar com a situação estão afectadas.**

**Demonstrar interesse e apoio à criança que faz uma revelação aumenta o seu sentimento de segurança e a sua disponibilidade para partilhar preocupações no futuro.**

# Linhas de orientação para a tomada de decisões e para a intervenção.

**As directivas que se seguem têm por objectivo ajudá-lo a decidir como agir quando tomar conhecimento de que uma criança está a ser exposta à violência doméstica.**

**Averigue se existe alguma questão que deva ser comunicada às autoridades:**

Existe alguma indicação de maus-tratos juridicamente reconhecidos como negligência, agressão física ou sexual (com base nas informações que a criança ou o progenitor revelou ou na resposta da criança quando indagada se está a ser magoada)?

Há alguma indicação de riscos sérios para a criança ou outros? Por exemplo:

- ▮ danos iminentes contra alguém (ameaça específica de matar e a recente aquisição de uma arma);
- ▮ risco crescente (um problema existente em que uma mudança recente poderá ser um sinal de um perigo crescente – a vítima tenta deixar o companheiro que está a ameaçar matá-la com uma arma recentemente adquirida);
- ▮ uma situação de violência doméstica permanente, mas com uma mudança na capacidade da parte não ofensora de proteger-se a si e à criança (mudança no padrão de abuso).

Peça a opinião do seu coordenador ou supervisor.





**No caso de haver uma indicação de maus tratos legalmente reconhecidos ou riscos graves:**

Siga as directivas para a apresentação de queixa às autoridades competentes, na página 22 (estas directivas são também úteis para apresentar queixa à polícia).

**Caso não haja maus tratos legalmente reconhecidos nem riscos graves:**

Fale com a vítima adulta sobre a possibilidade de serem encaminhadas para um serviço de apoio social, de apoio psicológico e/ou de apoio específico a vítimas de violência doméstica.

Documente a revelação da criança e a sua reacção segundo a política interna da instituição.

**Nenhuma política ou directiva pode prever as circunstâncias específicas de todas as crianças ou famílias. Portanto, a segurança e a protecção de qualquer dano iminente devem ser a principal preocupação.**

# Como apresentar queixa aos serviços de protecção a crianças.

**Em Portugal, os maus-tratos legalmente reconhecidos (e/ou riscos graves de) devem ser comunicados aos serviços competentes. A legislação exige também que a exposição à violência doméstica seja comunicada às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. Ao fazê-lo, considere os seguintes pontos:**

## **Antes de apresentar a queixa:**

Peça a opinião do seu coordenador.

Assegure-se de que a sua instituição presta todo o apoio possível à situação, devendo manter-se ao longo de todo o processo.

Caso seja apropriado, e em colaboração com os serviços da comunidade de apoio psicológico e social, pondere a apresentação de queixa à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens.

Informe a criança ou o progenitor da sua obrigação de apresentar queixa, providencie apoio e aborde quaisquer preocupações – sobretudo aquelas relacionadas com a segurança (“Conheço alguém que pode ajudar-te a ti e à tua mamã. Vou contar a essa pessoa.”).

Assegure-se de que possui informações actualizadas sobre a criança e sobre a situação que irão ser solicitadas pelo técnico dos serviços de protecção (nome, data de nascimento, endereço, nomes dos pais, descrição da situação de violência a que a criança é exposta, contactos de possíveis testemunhas).

### Ao apresentar a queixa:

Defina quem apresentará a queixa de acordo com a política da instituição (supervisor *versus* técnico que ouviu a revelação).

Comunique as informações relativas à revelação e todas as demais informações relevantes (preocupações anteriores com a situação).

Informe-se sobre as medidas que poderão ser tomadas pela Comissão de Protecção de Crianças e Jovens e quando.

Registe a data em que fez a denúncia, a forma como o fez (correio, fax, e-mail) e procure saber qual o andamento do processo.

Transmita as informações para que a CPCJ tome em consideração a segurança de todos os envolvidos na sua investigação e no seu relatório.

Se desejar, explicita que deseja o anonimato da denúncia.

### Após apresentar a queixa:

Tranquelize a criança e faça-a saber o que deve esperar (“A minha amiga Maria vai pedir-te que fales com ela. Vai perguntar-te se queres a sua ajuda. Ela ajuda crianças e os seus papás a ficarem em segurança.”).

Com a devida cautela, informe outras pessoas, segundo os requisitos legais ou da instituição (funcionários da instituição envolvidos com a criança, os pais).

Mantenha o acompanhamento da situação durante o decorrer do processo.

**Pode acontecer que as políticas e procedimentos da sua instituição pareçam pôr em causa a segurança da criança, da vítima adulta, a sua e de outros. Caso isto ocorra, avise imediatamente o seu coordenador e procure a opinião e conselhos das instituições envolvidas ou a envolver.**



# Planeamento da segurança.

## Ao ir buscar a criança

É essencial que você saiba **quem poderá** ir buscar criança e **quem não poderá** fazê-lo. Talvez precise de consultar permanentemente o processo da criança a fim de assegurar-se de que não houve alteração de planos (isto dependerá de como as informações são partilhadas na sua instituição).

Estabeleça um plano no caso de alguém que não deve contactar com a criança a tente ir buscar (quem ficará com a criança, quem chamará a polícia, quem explicará ao progenitor ou outros em questão que a polícia foi contactada).

Quando existentes, deverão ser guardados no processo todos os documentos do tribunal que impeçam que um progenitor não autorizado tente ir buscar a criança. Você poderá ter de explicar isto à mãe e encorajá-la a procurar aconselhamento jurídico nos casos em que não haja documentos judiciais que identifiquem quem é responsável pela guarda legal da criança ou que explicitem impedimentos de acesso à mesma.

**Sugerimos que informe os pais quando decidir dar formação sobre segurança às crianças solicitando autorização para que a criança participe. Há situações em que os pais poderão NÃO querer que certas informações sejam ensinadas aos seus filhos. Por exemplo, por vezes, não é seguro que uma criança pequena saiba a sua morada, pois poderá dar essa informação ao agressor, comprometendo a segurança dos demais membros da família.**

## Educação sobre segurança

Procure transmitir informação genérica sobre segurança a crianças em idade pré-escolar. Estas informações são úteis para a maior parte das crianças. É importante que as crianças não se sintam unicamente responsáveis pela sua própria segurança ou pela segurança dos seus familiares.

Ensine as crianças a usar o telefone numa situação de emergência. Isto pode ser ensinado a cada criança individualmente ou de uma forma mais geral a todas as crianças.

### Por exemplo:

Marca 112.

A pessoa que atender dirá "Linha de Emergência ..."

Então tu dizes "O meu nome é ....."


Depois dizes, "Preciso de ajuda"

Conta o que se passa (A minha casa está a arder", ou "Alguém está a ser agredido.")

A seguir, diz onde estás, "Moro na rua ....."

O meu número de telefone é ....."





### **Como lidar com a presença dos pais em eventos escolares quando existe violência doméstica**

Concentre-se na criança e na participação da criança no evento.

Obtenha cópias de documentos legais que indiquem mudanças relativas à guarda, custódia e regras de acesso (acordos de custódia e visitas, ordem restritiva).

Acautele-se para não culpar inadvertidamente um dos pais por qualquer situação que possa ocorrer quando estiver a falar com a criança.

Esteja ciente das suas atitudes e sentimentos para com cada um dos progenitores e com a situação em geral. Isto ajudá-lo-á a salvaguardar-se contra as suas atitudes e sentimentos que possam levar a uma prática pouco proveitosa e não profissional.

Esteja preparado para ser flexível a fim de apoiar soluções que maximizem o bem-estar e a segurança da criança, dos seus familiares e dos funcionários (separe reuniões com o pai e com a mãe).

Você (ou o seu supervisor ou coordenador) precisarão de estar preparados para tomar decisões acerca da limitação do acesso, em eventos escolares, a um dos progenitores que tenha comportamentos que prejudiquem a segurança e o bem-estar da criança e dos técnicos que a acompanham.

### **Quando a mãe e os filhos estão a residir numa casa-abrigo**

#### **Providencie estabilidade e consistência.**

A transferência para um abrigo implica uma mudança e incerteza relativamente ao futuro. O sentimento de segurança da criança pode ser aumentado através da prática de actividades rotineiras e previsíveis na creche/escola. Pergunte à mãe e, com a autorização desta, pergunte aos funcionários do centro acerca das necessidades particulares da criança. Contacte regularmente a mãe, assegurando-lhe que está a partilhar com ela os aspectos positivos do quotidiano da criança, assim como quaisquer preocupações.

#### **Colabore com o plano de segurança que possa ter sido desenvolvido em conjunto com o progenitor não agressor.**

Em alguns casos, as vítimas adultas terão desenvolvido um plano sobre o que fazer no caso de o progenitor agressor ir à creche/escola. É importante que todas as pessoas da creche/escola tenham conhecimento desse plano. Isto poderá envolver protocolos estabelecidos com a casa-abrigo e a polícia para o caso de uma situação de crise (um progenitor agressor sem autorização exige ver a criança).

#### **Esteja informado das políticas e procedimentos caso ocorra uma situação de crise.**

As políticas que incluem procedimentos sobre como lidar com situações difíceis e perturbadoras são de grande utilidade (Quem chamará a polícia? Quem ficará com a criança? Para onde será levada a criança até que chegue a polícia?). O objectivo é maximizar a segurança e minimizar a perturbação emocional das crianças, dos progenitores e do pessoal da creche/escola.

# A História da Laura.

## Comportamento preocupante

A Laura é uma adorável rapariguinha de quatro anos de idade com excelentes capacidades verbais. Ela tende a tratar as outras crianças da escola com um carinho “materno”. Ultimamente, você tem notado que a Laura demonstra frequentemente preocupação com o irmão bebé e a mãe. Ela tem dificuldades em separar-se da mãe todas as manhãs. Há duas semanas ela tem pedido para ir à creche ver o irmão bebé, o Paulo. Tem sido cada vez mais difícil encorajá-la a voltar para o grupo na sala do pré-escolar. Se você tenta levá-la de volta, ela começa a chorar e recusa-se a dar um passo.

## Encontro com um progenitor

Você organiza um encontro com a D. Irene, a mãe da Laura. Descreve-lhe o comportamento da sua filha e expressa a sua preocupação. Pergunta-lhe se ela observou um comportamento semelhante. A D. Irene diz que a Laura é um pouco como uma mãe para o Paulo e que tem passado a dormir no quarto dele. A Laura faz uma grande confusão se a D. Irene tenta fazer com que ela volte para o seu próprio quarto.

Você pergunta se há algumas mudanças ou acontecimentos na vida da Laura que poderiam explicar a preocupação que ela tem com o Paulo e a mãe. A D. Irene diz que tudo está bem, mas que as coisas se tornaram um pouco mais “complicadas” entre ela e o marido. Você pergunta se ela ou as crianças são agredidas quando as coisas ficam mais “complicadas”. A D. Irene diz-lhe que o marido é um bom pai e que apenas está a passar por um mau bocado devido ao facto de ter perdido o emprego. Ela diz que o marido tem estado nervoso porque está preocupado com as contas para pagar. Ela diz-lhe que o marido diz coisas sem intenção e que diz estar preocupado com o dinheiro que ela gasta em fraldas e medicamentos para o Paulo. A D. Irene explica que talvez seja esta a razão pela qual a Laura está preocupada com o Paulo, mas diz que o marido jamais agrediu as crianças. Você diz que é bom saber que o seu marido nunca agrediu as crianças. Você pergunta-lhe se ele alguma vez lhe bateu quando esteve contrariado ou preocupado. A D. Irene diz que isto não acontece muitas vezes. Quando você tenta informá-la acerca de serviços de apoio a vítimas, a D. Irene diz que já está inteiramente informada.

## Planos para apoiar a Laura

A Laura visitará o Paulo, durante o dia, em alturas pré-determinadas (ao chegarem, a meio da manhã, ao almoço, antes da sesta) durante as próximas 2 semanas. Se pedir para ver o Paulo noutras alturas, a Laura será encorajada a fazer-lhe algo para levar na próxima visita (um desenho para colocar na sala do Paulo).

O técnico que apoia o Paulo falará com a Laura sobre ele, reconhecendo o papel dela como a “irmã mais velha” e providenciado que ela possa ajudar a cuidar dele quando vier visitá-lo.

A D. Irene explicará à Laura por que o pai fica zangado e garantirá-lhe que o Paulo está bem.

Você encoraja a D. Irene que lhe diga se acontecer alguma coisa que faça com que a Laura se preocupe mais e tenha maiores dificuldades em afastar-se do Paulo e dela. Você concorda em informá-la dos progressos da Laura durante as próximas semanas.



# A História do Henrique.

## Histórico

O Henrique (4 anos) frequenta a creche há seis meses, estando a viver na sua comunidade com a família há menos de um ano, desde que vieram da América Central. A sua mãe, a Sr<sup>a</sup>. Maria, anda a fazer um curso a tempo inteiro para poder trabalhar depois. O Henrique tem 2 irmãos mais velhos, com 8 e 10 anos. O pai do Henrique, o Sr. José, trabalha numa fábrica local.

## Comportamento preocupante

O Henrique já aprendeu um pouco de português desde que está aos seus cuidados, mas sente-se facilmente frustrado quando as outras crianças têm dificuldade em perceber o que ele diz. Tem ataques súbitos de ira, atirando cadeiras e brinquedos contra as outras crianças. Na semana passada, ele atingiu uma das raparigas do grupo com um camião de brinquedo, fazendo-lhe um golpe na testa. O Henrique tem dificuldade em brincar com as outras crianças, mas sente-se extremamente feliz quando está a brincar sozinho.

## Recolha de opiniões

Após o incidente da semana passada, você pede a opinião de alguns dos técnicos da creche e ao seu supervisor. Como grupo, vocês imaginam que o Henrique possa estar a assistir a uma situação de violência em casa. Vocês concordam que ainda não há informações suficientes, mas que será bom falar com a Sr<sup>a</sup>. Maria sobre a sua vida familiar. Os seus colegas sugerem-lhe que dê à Sr<sup>a</sup>. Maria o contacto telefónico de uma técnica especializada no trabalho com famílias imigrantes e situações de violência. Este serviço fica perto da escola que a Sr<sup>a</sup>. Maria frequenta. Sugerem-lhe que fale primeiro com a Sr<sup>a</sup>. Maria e que lhe diga que a técnica poderá ajudá-la havendo ou não violência em casa.

## Encontro com os pais

No dia seguinte, você pede à Sr<sup>a</sup>. Maria que venha à creche para falar consigo acerca das suas preocupações. Você menciona-lhe os ataques de fúria do Henrique e o seu comportamento agressivo para com as demais crianças. Ela diz que é muito parecido com o pai e que os outros irmãos também brigam muito uns com os outros. Você pergunta-lhe se o Henrique passa muito tempo com o pai. Ela diz que o Sr. José trabalha por turnos e que costuma sair depois do trabalho de modo que raramente está em casa. Você pergunta-lhe se ela tem amigas na comunidade e ela diz que fez algumas amizades na escola e que as suas amigas lhe dão apoio. Diz que as amigas lhe indicaram um ATL para os filhos e que o técnico de lá também veio falar com ela sobre o comportamento do mais velho. Depois, fala-lhe das dificuldades e da violência em que viviam no país de origem. Diz que às vezes o marido lhe batia e também nas crianças. No fim da reunião, você dá-lhe o contacto da técnica e reitera a sua preocupação com o comportamento do Henrique, dizendo-lhe que ninguém merece ser agredido. Você e a Sr<sup>a</sup>. Maria combinam encontrar-se semanalmente para avaliar o comportamento do Henrique na creche.

## Planos para apoiar o Henrique

Você pede a um aluno que passe mais tempo individualmente com o Henrique, garantindo maior segurança para o grupo e encorajando-o a aprender mais brincadeiras em conjunto.

Você dá apoio e encoraja o Henrique para que lhe diga quando estiver a sentir-se frustrado.

Você continua a transmitir ao Henrique que agredir os outros é algo inaceitável.

Você tenta ajudá-lo a aprender formas 'aceitáveis' de expressar a sua raiva.

Você decide ensinar-lhe formas de expressar os sentimentos através da pintura.

# Referências.

- <sup>1</sup> Fantuzzo, J., Boruch, R., Beriama, A., Atkins, M., & Marcus, S. (1997). *Domestic violence and children: Prevalence and risk in five major U.S. cities*. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36, 116-122.
- <sup>2</sup> *Safe from the Start: Taking Action on Children Exposed to Violence: Summary*. (November 2000). Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention.
- <sup>3</sup> Rossman, B.B.R. Hughes, H.M., & Rosenberg, M.S. (2000). *Children and Interparental Violence: The Impact of Exposure*. Philadelphia, PA: Brunner/Mazel.
- <sup>4</sup> Osofsky, J.D., & Fitzgerald, H.E. (2000). *Infants and violence: Prevention, intervention and treatment*. In WA/MH Handbook of Infant Mental Health, Volume 4, 164-196. New York, NY: John Wiley & Sons, Inc.
- <sup>5</sup> Tjaden, P., & Thoennes, N. (November, 2000). *Full report of Prevalence, Incidence and Consequences of Violence Against Women: Findings from the National Violence Against Women Survey*. Washington, DC: National Institute of Justice, NCJ 183781.
- <sup>6</sup> Bachman, R., & Saltzman, L.E. (1995). National Crime Victimization Survey, *Violence Against Women: Estimates from the Redesigned Survey*. Washington, DC: Bureau of Justice Statistics, NCJ 154348.
- <sup>7</sup> Taylor, L., Zuckerman, B., Harik, V., & Groves, B.M. (1994). *Witnessing violence by young children and their mothers*. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 15(2), 120-123.
- <sup>8</sup> Edleson, J.L. (1999). *Children's witnessing of adult domestic violence*. *Journal of Interpersonal Violence*, 14(8), 839-870.
- <sup>9</sup> Graham-Bermann, S.A., & Levendosky, A.A. (1998). *Traumatic stress symptoms in children of battered women*. *Journal of Interpersonal Violence*, 14, 111-128.
- <sup>10</sup> National Research Council (1993). *Understanding Child Abuse and Neglect*. Washington, DC: National Academy Press.
- <sup>11</sup> *Breaking the Cycle of Violence: Recommendations to Improve the Criminal Justice Response to Child Victims and Witnesses* (Junho 1999). Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Justice Programs, Office for Victims of Crime, NCJ 176983.
- <sup>12</sup> Schechter, S., & Ganley, A.L. (1995). *Domestic Violence: A National Curriculum for Family Preservation Practitioners*. San Francisco, CA: Family Violence Prevention Fund.
- <sup>13</sup> *Tips for Parents and Other Caregivers: Raising our Children in a Violent World. Support Through Difficult Times*. Panfleto produzido pelo the Child Witness to Violence Project, Boston Medical Center, Boston, MA.
- <sup>14</sup> Fantuzzo, J.W., De Paola, L.M., Lambert, L., Martino, T., Anderson, G., & Sutton, S. (1991). *Effects of interpersonal violence on the psychological adjustment and competencies of young children*. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 59, 258-265.

## Receba ajuda para comportamentos preocupantes do seu filho.

- ↳ Se o comportamento está a prejudicar a criança e/ou terceiros
- ↳ Se o problema dificulta a realização das actividades diárias da criança (comer, dormir, brincar)
- ↳ Se as suas tentativas de resolver o problema não resultam
- ↳ Se o comportamento persiste durante 3 a seis semanas ou volta a verificar-se após ter cessado

## A quem pedir ajuda?

- ↳ Ao médico de família ou outro médico
- ↳ À enfermeira do centro de saúde
- ↳ Ao professor da escola ou da creche
- ↳ A um parente ou amigo de confiança

Se a primeira pessoa a quem você recorreu não soube como ajudar, não desista. Tente outra pessoa, ou contacte os serviços enumerados no verso desta página.

Este panfleto foi adaptado da brochura *Conselhos para Pais e Encarregados de Educação*, Projecto Crianças Testemunhas de Violência, Centro Médico de Boston, One Boston Medical Center Place, Mat. 5, Boston, MA 021 18-2393.

## Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica

Câmara Municipal de Cascais  
Divisão de Desenvolvimento Social e Saúde  
Pg. 5 de Outubro, 2754-501 Cascais  
Tel. 214815278

forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt

## Em caso de urgência (Polícia, Bombeiros, Serviço de Ambulâncias), marque 112.

- ↳ Informe a operadora sobre o problema e dê-lhe o seu nome e a morada completa do local onde está a ocorrer a situação de urgência
- ↳ Não desligue antes da operadora lhe dizer o que o fazer

## Para obter ajuda ou consultar técnicos de apoio a vítimas de violência doméstica, marque 800 202 148.

- ↳ Esta linha é gratuita e funciona 24 horas por dia.
- ↳ É assegurada pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres e pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

## Telefones úteis na sua comunidade

ABRIGO PARA MULHERES	
ORGANIZAÇÃO DE APOIO A VÍTIMAS	
HOSPITAL	
POLÍCIA	
APOIO JURÍDICO	
SEGURANÇA SOCIAL	
COMISSÃO PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS	
LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA SOCIAL	144

acção social  
**Cascais**

## Crianças expostas à violência doméstica

### Informação para os pais



**Cascais**  
Câmara Municipal





## Quando algo em casa está a perturbar uma criança.

Os menores necessitam que os pais lhes dêem um lar seguro e cariñoso, no qual possam crescer, aprender e brincar.

Estas são algumas das formas como um companheiro pode magoar o outro:

- ❑ Fazendo com que o companheiro se sinta mal, menosprezando-o, chamando-lhe nomes ofensivos, e envergonhando-o.
- ❑ Obrigando-o a fazer algo que ele não deseja fazer, ameaçando-o com castigos.
- ❑ Aterrorizando-o com olhares, acções, batendo nas coisas e nos animais de estimação.
- ❑ Utilizando os filhos para o magoar e controlar o seu comportamento.
- ❑ Fingindo que não estão a ocorrer abusos ou culpar o companheiro abusado.
- ❑ Controlando tudo o que ele possa fazer, mantendo-o afastado da família e dos amigos.
- ❑ Impedindo que o companheiro possa conseguir um trabalho ou que administre o dinheiro.
- ❑ Dando pontapés, palmadas ou batendo no companheiro.

Com frequência, os pais pensam que as crianças não sabem que o abuso e a violência estão a ocorrer. Mas as crianças sabem muito mais sobre o que se está a passar do que os pais imaginam. Elas podem escutar ou ver os acontecimentos aterrorizadores. Outras vezes, sabem que algo de errado está a acontecer pois vêem a preocupação no rosto de um dos pais ou as feições no seu corpo, ou que as coisas em casa estão fora de ordem ou partidas.

O seu filho pode expressar sentimentos de mal-estar, recusando-se a estar com os entes queridos, agarrando-se a um dos pais ou demonstrando o seu mal-estar nas brincadeiras e nos desenhos.

Ajuda muito escutar cuidadosamente as preocupações do seu filho e deixar que saiba que você está a fazer todos os possíveis para mantê-lo em segurança. Ele poderá sentir-se melhor se souber que há pessoas a ajudar a família.

## Como saber se uma criança está em dificuldades.

- ❑ **Mal-estar físico** (dor de cabeça, dor de barriga)
- ❑ **Ansiedade com a separação** (além do que seria normal para a idade da criança)
- ❑ **Dificuldade em dormir** (medo de adormecer)
- ❑ **Crescente comportamento agressivo e sentimentos de raiva** (infilgir maus tratos físicos a si própria ou aos outros)
- ❑ **Preocupação constante sobre um possível perigo**
- ❑ **Aparente perda de competências anteriormente adquiridas** (uso da casa de banho, nomes das cores)
- ❑ **Tristeza que perdura por vários dias**
- ❑ **Afastamento dos outros e das actividades**
- ❑ **Falta de interesse ou sentimentos sobre qualquer coisa**
- ❑ **Preocupação excessiva sobre a segurança dos entes queridos** (necessidade de ver os irmãos durante o dia, perguntar constantemente pela mãe)
- ❑ **Problemas de concentração, dificuldade em escolher ou concluir uma actividade ou tarefa**
- ❑ **Alto nível de actividade, agitação física constante**
- ❑ **Brincadeiras e desenhos recorrentes sobre o tema da violência**

Estas são algumas das dificuldades que o seu filho pode manifestar em casa, na creche, na escola ou noutros lugares quando vê, ouve ou se apercebe de violência. Uma criança pode manifestar os mesmos problemas por muitas razões (morte de um dos pais). Se o seu filho tem algum destes problemas, uma das causas pode ser a violência em casa.

## Algumas maneiras de apoiar o seu filho.

- ❑ **Pode ajudar se o seu filho falar, brincar ou fizer desenhos sobre os eventos aterrorizadores**
- ❑ **Não finja que não se está a passar nada**
- ❑ **Explique, em poucas palavras e de forma que ele entenda, o que se passou** ("O Papá está chateado e não escutou a sua voz interior. Foi terrível. Mas já passou.")
- ❑ **Diga ao seu filho que o que se passou não é culpa dele** ("Não tens culpa quando o Papá e a Mamã brigam")
- ❑ **Crie segurança em torno do seu filho, com horários regulares para dormir, comer, fazer a sesta e brincar**
- ❑ **Mostre-lhe, diariamente, que o ama** (abraçando-o, acarinhando-o ou dizendo-lhe que o ama)
- ❑ **Faça coisas divertidas com o seu filho** (ir a um parque infantil, ler-lhe uma história)
- ❑ **Diga-lhe coisas agradáveis acerca do comportamento dele** ("Obrigada por guardares os teus brinquedos. És um grande ajudante")
- ❑ **Impeça o comportamento agressivo do seu filho (magando verbal ou fisicamente outras pessoas). Diga-lhe que magoar os outros não está certo** ("Sei que estás chateado com a Mamã, mas não é correcto bateres-me")
- ❑ **Ensine-lhe formas pacíficas de resolver problemas e elogie-o quando as puser em prática** ("Gostei muito da forma como usaste as tuas palavras para pedir ao Joãozinho que te devolvesse o teu carrinho")
- ❑ **Exclua programas televisivos e jogos violentos** (As imagens violentas podem estimular a agressividade e também assustar)
- ❑ **Ensine-lhe como tratar os outros com respeito**
- ❑ **Seja firme e justo mesmo quando estiver zangado**

# Onde procurar ajuda.

É preciso ter uma lista de números importantes que deverá dar aos pais em caso de necessidade. Insira os números existentes na sua comunidade:

---

**CENTRO DE ACOLHIMENTO PARA MULHERES**

---

**ORGANIZAÇÃO DE APOIO À VÍTIMA**

---

**COMISSÃO DE PROTECÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

---

**HOSPITAL**

---

**POLÍCIA**

---

**ASSOCIAÇÃO DE IMIGRANTES**

---

**APOIO JURÍDICO**

---

**PROGRAMA PARA AGRESSORES**

---

**PROGRAMA PARA CRIANÇAS**

---

**SEGURANÇA SOCIAL**

---

---

## **NÚMERO NACIONAL DE EMERGÊNCIA – MARQUE 112**

Para assistência imediata em situações de urgência e crise.

O 112 dá acesso à polícia, bombeiros e serviços de ambulâncias.

Informe a operadora sobre o problema e dê-lhe o seu nome e a morada completa do local onde está a ocorrer a situação de urgência.

Não desligue antes que a operadora lhe diga que o faça.

## **LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA SOCIAL – MARQUE 144**

A Linha Nacional de Emergência Social é um serviço público da responsabilidade do Instituto de Solidariedade e Segurança Social e destina-se essencialmente a dar resposta a situações de emergência e de crise.

## **SERVIÇO DE INFORMAÇÃO A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA – MARQUE 800 202 148**

Linha verde de apoio telefónico assegurada pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres e pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

**Fórum Municipal de Cascais contra a Violência Doméstica**

Câmara Municipal de Cascais

Divisão de Desenvolvimento Social e Saúde

Pç. 5 de Outubro, 2754-501 Cascais

Tel. 214815278

ISBN: 978-972-637-168-7

[forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt](mailto:forum.violenciadomestica@cm-cascais.pt)